



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

NÚMERO 141  
MARÇO 2013

# NEWSLETTER



**Os exímios viajantes**

4

### “Não somos números, somos pessoas com vidas”

Uma professora e uma artista juntam-se numa dupla com o objetivo de melhorar a aprendizagem dos alunos. Ambas fazem parte de um projeto intitulado “10x10” criado pela Fundação Gulbenkian para dotar os docentes de ferramentas associadas à criação artística, que possam ser úteis na sala de aula. Assim aconteceu na Escola Padre António Vieira, em Lisboa, onde os alunos descobriram o prazer da escrita e da língua portuguesa. Uma reportagem entre os alunos, a mostrar as vantagens de um outro método de ensino.

8

### Prémio Vilalva

Este ano, o galardão atribuído ao melhor projeto de requalificação do património vai para os Açores. Na Ribeira Grande, um conjunto escultórico do século XIX, o *Arcano Místico de Madre Margarida do Apocalipse*, composto por milhares de pequenas figuras que representam mistérios do Antigo e do Novo Testamento, foi o vencedor. O prémio, no valor de 50 mil euros, foi criado pela Fundação Gulbenkian em homenagem ao filantropo Vasco Vilalva.



14

### A hora da estrela

A vida e obra de Clarice Lispector estará em exposição a partir do dia **5 de abril**. Divulgar a obra de uma das mais destacadas vozes da literatura brasileira é um dos objetivos desta mostra que ocupará a Sala de Exposições Temporárias do Museu Gulbenkian, até **23 de junho**. Um dos eventos integrados nas comemorações do Ano do Brasil em Portugal.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

**NEWSLETTER** NÚMERO 141. MARÇO. 2013 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | André Cunha  
COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Barata | Ana Mena | Patrícia Fernandes | DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro  
João Silva [DDLX] | REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga | FOTO DA CAPA Gustav Mahler Jugendorchester © Cosimo Filippini  
IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00  
info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

## Os exímios viajantes

A Orquestra Juvenil Gustav Mahler inicia a sua digressão de Páscoa em Lisboa, enquanto orquestra residente na Gulbenkian Música. De **2 a 18 de março**, além de um intenso programa de ensaios, realiza quatro espetáculos, três com a formação principal e outro com um conjunto de solistas. Os portugueses que nela trabalham falam de uma experiência inesquecível e de uma formação com grandes talentos europeus.



O mundo de Ptolomeu in *Cosmographia*, Claudius Ptolomeu

## 360° Ciência Descoberta

Durante séculos, falámos de descobrimentos e da tarefa levada a cabo por portugueses e espanhóis de dar novos mundos ao mundo, mas nunca da sua contribuição para a história da ciência moderna. As viagens oceânicas dos séculos XV e XVI representaram muito mais do que a descoberta de terras e povos. Esta exposição, mostra como o encontro com novos mundos permitiu também descobrir uma nova ciência.



Julio, *Mulher e Natureza Morta*, 1927 © Col. CAM-FCG

## A imagem que de ti compus

A homenagem que o CAM e a Fundação Cupertino Miranda prestam a Júlio dos Reis Pereira pode ser vista até ao dia **7 de abril**, no Centro de Arte Moderna. A exposição do pintor e poeta é acompanhada por um catálogo bilingue com mais de 90 obras, onde se podem ler textos dos curadores e ainda do escritor Valter Hugo Mãe, que considera a obra de Julio como uma “das mais intuitivamente vanguardistas do modernismo português”.

## Índice

### primeiro plano

4 **“Não somos números, somos pessoas com vidas”**

### notícias

8 **Prémio Vilalva distingue tesouro açoriano**

9 **António Guterres e Gomes Canotilho na Fundação**

10 **Cooperação com o Abu Dhabi**

10 **O Futuro da Saúde**

11 **Estudar o envelhecimento através dos peixes**

11 **Malária durante a gravidez**

12 **Portugal, Jesuítas e o Japão**

13 **De Gabay – uma outra Somália**

14 **Clarice Lispector – A hora da estrela**

14 **My Social Project**

16 **breves**

### bolsiros gulbenkian

17 **Adolfo Cueto**

### um outro olhar

20 **Luís Madureira Pires**

### em março

### música

22 **Gustav Mahler Jugendorchester**

### exposições

24 **Do mediterrâneo ao mundo todo**

### atividades educativas

27 **Animação e artes plásticas**

### novas edições

28 **A imagem que de ti compus**

29 **catálogos de exposições**

### uma obra

30 **Information**





Autorretratos dos alunos. © Márcia Lessa

## “Não somos números, somos pessoas com vidas”

“Isto só nos acontece a nós, é impressionante!”, lamentava-se em surdina uma rapariga do 10.º ano, inconformada com o enorme fluxo de alunos que iam povoando o auditório da Escola Secundária Padre António Vieira. Num ápice, as bancadas íngremes de um branco cru e estéril ficaram completamente preenchidas por várias turmas, acompanhadas e encaminhadas pelas respetivas professoras. “Ai de ti se te rires!”, foi o aviso brincalhão dirigido por um dos rapazes do 10.º ano a um amigo que se ia acomodando na assistência. Outros, mais nervosos, procuravam acalmar-se concentrando-se na ponta dos ténis ou relendo

uma última vez os apontamentos, e um miúdo tentava livrar-se da pastilha elástica. Aqui e ali as professoras procuravam disciplinar os mais desorganizados, usando de um tom ao mesmo tempo paciente e assertivo.

A primeira fila estava totalmente ocupada pelos alunos que se preparavam para fazer a apresentação, cujo estado de alerta contrastava com a descontração evidenciada pelos espetadores. Em poucos minutos, um silêncio relativo tomou conta do auditório. Nesse momento, a professora Maria Bárcia levantou-se, tossiu para aclarar a voz e encarou as bancadas lotadas sobre o palco.



Os alunos preparam-se para a apresentação do projeto. © Mária Lessa

### **ESCREVER SEM SACRIFÍCIO**

Esta apresentação, que decorreu na Escola Secundária Padre António Vieira em Lisboa, foi um momento de balanço e como que de prestação de contas para o projeto **10x10**. Este projeto, iniciado em julho de 2012 pelo Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência, tem por objetivo colocar num contexto colaborativo professores e artistas, mais precisamente 10 duplas, por forma a dotar os docentes de ferramentas associadas à criação artística que possam ser úteis na sala de aula. Em julho de 2012, realizou-se uma residência na Fundação Gulbenkian com o objetivo de promover a reflexão e a troca de experiências entre professores e artistas. Durante a primeira fase do projeto, as duplas trabalharam nos respetivos projetos educativos; agora, depois de estes terem sido apresentados na Fundação Gulbenkian, chegou a fase em que se realizam aulas públicas como esta, nas quais professores, artistas e alunos poderão explicar em que consistiu o projeto 10x10 e de que forma beneficiaram dele.

“Dou aulas nesta escola há quatro anos, mas leciono a disciplina de Língua Portuguesa há vinte”, começou Maria Bárcia, arrancando um audível bruaá de incredulidade à assistência. De facto, é difícil acreditar que a professora de

aspecto jovem e enérgico tenha dedicado já tantos anos ao ensino. “Os exercícios que realizámos no âmbito deste projeto permitiram-nos pôr os alunos a escrever de uma forma mais agradável e que não represente um sacrifício”, continuou a professora, que mais tarde afirmaria que o projeto 10x10 teve na capacidade de “desbloquear os alunos e predispor-los para a escrita” uma das suas maiores virtudes. Segundo Maria Gil, entusiasta e jovial atriz que é a outra metade desta dupla, o facto de os alunos terem lido perante a turma os seus textos ao longo do processo foi “extremamente importante para combater o medo do ridículo e da exposição”. Por outro lado, a contextualização feita em jeito de “ritual” no início de cada aula foi importante não só para combater a postura inicialmente defensiva de uma turma composta por adolescentes que não se conheciam, mas também para estimular uma atitude analítica: os alunos percebiam qual era o propósito de cada exercício, ao invés de se limitarem a realizá-los mecanicamente.

### **DESCOBRIR O OUTRO**

Quando a professora Maria Bárcia fez menção de convidar um dos alunos a subir ao palco para ler alguns dos textos realizados na aula, a turma levantou-se em uníssono – a



Momento bem humorado da apresentação do projeto. © Márcia Lessa

perspetiva de terem de ocupar o palco sozinhos e à vez quase provocara um motim na preparação da apresentação. O primeiro exercício lido foi o do alter ego; um rapaz alto e moreno leu um texto tão divertido como escorreito no qual propunha para alter egos seus o Spiderman (naturalmente filho do “Spiderpai” e da “Spidermãe”, relações de parentesco que arrancaram gargalhadas à audiência), que faria uso dos seus poderes para manter um emprego de entregador de pizzas, um funcionário da Carris, sentimental e com um fraquinho pelo Justin Bieber, ou um jovem cientista com um nome quilométrico, “sem família, mas com duas namoradas”.

O exercício das memórias, descrito por Maria Bárcia e Maria Gil como o ponto de viragem a partir do qual a turma começou a baixar as defesas e a reagir positivamente aos exercícios, motivou a leitura de textos nos quais os alunos expressaram que cheiros trazidos para a aula, como os da hortelã, do funcho ou de um determinado perfume, os tinham levado a recordar momentos da infância, estando muito presentes as referências sempre ternas aos avós. Catyla, uma rapariga mulata de voz pausada e discurso claro e ponderado, viria a afirmar (a princípio com receio de “expor os colegas”) no fim da apresentação que o texto “bonito e sentimental” que Diogo escrevera sobre a avó lhe tinha dado a conhecer um lado inesperado de um colega que, até então, lhe parecera “um pouco rígido”.

Este é um dos aspetos mais sublinhados pelos alunos: a leitura dos textos perante a turma servira para que todos tivessem agradáveis surpresas a respeito dos colegas.

“Embora inicialmente tenha receado expor textos pessoais, descobri lados dos meus colegas que não fazia ideia de que existiam”, afirmou Sara, a rapariga com sotaque açoriano a quem o cheiro de funcho recordava a terra natal, “e, além disso, comecei a escrever melhor e com mais naturalidade.” “Ao princípio tivemos medo, porque estávamos receosos de que estas aulas nos fizessem perder matéria e nos deixassem mal preparados para o exame do décimo segundo ano”, começa Bernardo, num tom sério, pestanejando por detrás de uma frondosa franja ruiva, “mas a verdade é que, com exercícios como o de autobiografia ou o dos retratos, que nos fizeram escrever, passámos a fazê-lo mais fluidamente, o que é positivo para todos.”

#### **APRENDER DE OUTRA FORMA**

“Ao olhar o espelho vejo-me bochechudo e despenteado, com os olhos castanhos de toda a minha família”, leu de forma inesperadamente cândida o rapaz com pinta de *bad boy* que, antes da apresentação, “ameaçara” os membros da assistência que ousassem rir-se. Uma rapariga afirmou-se avessa a autorretratos, preferindo que sejam os outros a opinar a seu respeito. A propósito de um exercício no qual fora pedido aos alunos que abrissem e lessem perante a turma uma carta enviada por um familiar especialmente para o efeito, um rapaz magro, de óculos, leu a carta de um tio que, após saudar o sobrinho, a professora e a turma, se lamentava de que a internet tenha motivado o declínio das cartas.



Maria Bárcia (professora) e Maria Gil (atriz). © Márcia Lessa

“Sentimos resistências e até pensámos em trocar de turma. Ao início não estava a haver *feedback*, mas depois percebemos que simplesmente eles não se conheciam”, explica Maria Gil. “O exercício das memórias, que aprendemos com Ágata Mandillo (artista que integra uma das duplas deste projeto) predispo-los para tudo o resto e mudou qualquer coisa dentro deles.” “Foi a primeira exposição de intimidade”, atalha Maria Bárcia. “Encontraram uma zona de verdade dentro deles, que ressoou nos outros, e isso é imbatível”, conclui a atriz. Professora, atriz e alunos convergem nas suas críticas ao paradigma vigente do ensino. “Antes, os 90 minutos da aula eram muitas vezes dedicados à escrita e correção de textos. O resultado não era bom e frequentemente a professora nem tinha tempo para os corrigir”,

afirma Denis. “E as aulas eram passadas a dar matéria, matéria, matéria e a escrever textos que de nossos e de francos tinham pouco”, continua Bernardo, ainda e sempre com a franja de permeio. “Seria muito bom que este tipo de ensino se tornasse prática comum,” explica a dupla Bárcia-Gil, cada uma completando as frases da outra, “mas seria preciso muito trabalho, quer da parte dos professores quer da parte dos alunos. Aqui, o aluno não está na posição do recetor, tem de fazer e de contribuir. Confrontámo-los com estas estratégias, e alguns não gostam do facto de terem de se responsabilizar mais na sala de aula e de contribuírem efetivamente para a construção da matéria. O ensino está a sofrer convulsões, muita coisa está a acontecer e estes projetos são embriões e podem ser pioneiros. Podemos ter um manual infinito de exercícios espetaculares, mas mais importante foi a atitude analítica e autónoma que procurámos incutir nestes miúdos.”

A apresentação termina com um curto balanço feito por cada um dos alunos. Entre depoimentos que realçam as competências adquiridas na área da língua e da escrita ou o desenvolvimento das relações no seio da turma, o rapaz de óculos afirma que as contribuições originais de cada um demonstram que “não somos números no arquivo de identificação, somos pessoas com vidas”. O auditório em peso levanta-se e aplaude, a turma e as professoras abraçam-se. Descendo as escadas, encaminhando-se para a saída, uma das professoras que incorporaram a assistência comenta com uma colega: “Bolas, agora vão todos querer ter aulas destas!” ■



Sara, aluna. © Márcia Lessa



## Prémio Vilalva distingue tesouro açoriano

O projeto de requalificação e de musealização de um conjunto escultórico do século XIX, o Arcano Místico de Madre Margarida do Apocalipse, composto por milhares de pequenas figuras que representam mistérios do Antigo e do Novo Testamento, é o mais recente vencedor do Prémio Vilalva. O conjunto, da autoria de uma freira clarissa do Convento de Jesus, na Ribeira Grande, Açores, tinha sido classificado como tesouro regional, em 2009, apesar do mau estado de conservação em que se encontrava.

A recuperação envolveu não apenas o notável trabalho de restauro do conjunto como ainda a adaptação da casa onde viveu a freira clarissa e que passou a acolher o tesouro. Este novo espaço, designado Museu do Arcano, é dominado por uma curiosa caixa envidraçada de grandes dimensões, onde, em três prateleiras, são apresentados 92 quadros diferentes sobre episódios bíblicos. Estes episódios, realizados em múltiplos materiais naturais, envolvem mais de 3970 figuras moldadas em massa de farinha aglutinada com goma arábica. Surpreendido pelo caráter insólito e singular deste conjunto praticamente desconhecido, o júri, composto por António Lamas, José Sarmento de Matos, José Pedro Martins Barata, Dalila Rodrigues e Rui Esgaio, teve em conta não ape-

nas o projeto museológico, como também toda a investigação e publicações produzidas. Distinguiu, simultaneamente, uma obra de arte, que considerou “de uma beleza naïve, mas refletindo conhecimentos de indumentária e iconografia erudita, poética e quase surrealista”, salientando que o prémio permitirá dar “visibilidade nacional e internacional a este tesouro dos Açores”.

O Arcano Místico pertence à Confraria do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz da Senhora da Estrela e foi candidatado pela Câmara Municipal da Ribeira Grande (Açores). O projeto é da autoria do ateliê de Carlos Almeida Marques, um ateliê com larga experiência em projetos públicos como bibliotecas, escolas, centros sociais, igrejas, museus, centros culturais e desportivos e que tem ainda colaborado em planos municipais de ordenamento do território, na elaboração de planos estratégicos e no desenho de parques urbanos.

O prémio, no valor de 50 mil euros, foi criado pela Fundação Gulbenkian em homenagem ao filantropo Vasco Vilalva e distingue, anualmente, um projeto de intervenção exemplar no âmbito do património. No ano passado, premiou um projeto de recuperação de um edifício pombalino na Baixa de Lisboa, da autoria do ateliê José Adrião Arquitetos. ■

# António Guterres e Gomes Canotilho na Fundação Gulbenkian

No dia 8 de fevereiro, o presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian conferiu posse aos dois novos membros não executivos do Conselho – Joaquim Gomes Canotilho e António Guterres. Na cerimónia, Artur Santos Silva destacou as qualidades de ambos referindo a sua “dimensão intelectual e cultural”, enquanto personalidades “de grande prestígio nacional e internacional e com uma vida dedicada à causa pública”. Os novos administradores substituem no cargo Eduardo Lourenço e André Gonçalves Pereira, que atingiram o limite dos seus mandatos em setembro passado, e a quem o presidente da Fundação agradeceu o contributo dado “com o maior esclarecimento e sabedoria”, exercendo “uma ativa e adequada supervisão às atividades desenvolvidas pela Fundação”.

António Guterres e Gomes Canotilho juntam-se a Emílio Rui Vilar enquanto membros não executivos do Conselho de Administração presidido por Artur Santos Silva e de que fazem parte os administradores executivos Diogo de Lucena, Isabel Mota, Eduardo Marçal Grilo, Teresa Gouveia e Martin Essayan.

## EXCERTO DO DISCURSO DE JOAQUIM GOMES CANOTILHO

“Subscrito pelo anterior Presidente da Fundação, e agora colega administrador não executivo Dr. Rui Vilar, o Relatório de 2011 não deixa dúvidas sobre os valores desta instituição, plasmados no testamento e nos estatutos, decorrentes da personalidade do Fundador e da sua própria natureza institucional: perpetuidade, independência, rigor e qualidade. Qualidade bem dentro do espírito gulbenkiano de estar no mundo: «Only the best is enough for me». (...)



António Guterres, Artur Santos Silva e Joaquim Gomes Canotilho na cerimónia de posse. © Márcia Lessa

O espírito gulbenkiano de estar no mundo é feito de observações sobre observações: «observação das barbáries sucessivas», observação das raízes da sua família e das suas gentes, observação do mundo que nos faz tocar em todas sinfonias estéticas, mas também na indispensabilidade da filantropia, em toda e para toda a humanidade. Se compreendermos bem o sentido da navegação gulbenkiana da contemporaneidade – sim, da Fundação Gulbenkian Contemporânea – esse é o de a nossa jangada já não ser feita de caravelas. Perfila-se uma navegação a partir de múltiplos globais. Da governance global imposta como ordem mundial simbólica. Do direito global, derivado da hierarquia dos números. Do saber global de peritos, provado pela heterogeneidade das ordens de conhecimento. Da mora global, revelada pela heterodoxia das ordens, das crenças e das cosmovisões. Nada disto é estranho à Fundação Calouste Gulbenkian Contemporânea. Do bom governo dos investimentos e das responsabilidades científicas, culturais e sociais. Mas não só. Há outros mundos com «mal partidas», onde as banalidades do mal parecem legitimar migrações forçadas e a humilhação de pessoas e de povos. Mesmo os patrimónios da humanidade naturais ou humanamente construídos sucumbem perante os novos impulsos fanáticos. O prémio Gulbenkian procura estar mesmo nos lugares fractais deste mundo. (...) A linha vermelha de Calouste Gulbenkian deixou também de ter traços contínuos. Se ele regressasse à vida não ficaria desencantado com as novas cores. Não sabemos se Calouste Gulbenkian gostava de todas as cores do arco-íris, mas sempre nos avisaria, como outrora fez Mefistófeles, a um simples estudante: Cinzento, amigo, é toda a teoria E verde a árvore da vida”. ■

# Cooperação com o Abu Dhabi

**A** Fundação Gulbenkian vai desenvolver ações de cooperação com instituições do ensino superior e de investigação do Abu Dhabi, envolvendo instituições portuguesas congêneres, nas quais se conta o Instituto Gulbenkian de Ciência.

Esta colaboração foi iniciada durante uma visita ao Emirado, no mês passado. Nesta visita, o presidente da Fundação Gulbenkian, Artur Santos Silva e o administrador da Fundação, Eduardo Marçal Grilo, foram acompanhados pelo ministro do Ensino Superior e Investigação Científica do Abu Dhabi, Nahyan Bin Mubarak Al Nahyan. A visita à Universidade de Zayed, uma das mais importantes dos Emirados Árabes Unidos, foi um dos pontos do programa em que também participou o embaixador de Portugal no Abu Dhabi, Jaime Leitão (na foto). ■



## O Futuro da Saúde

**M**elhorar a saúde e os cuidados de saúde, reduzindo os desperdícios do sistema, é o objetivo da Plataforma Gulbenkian para um sistema de saúde sustentável, coordenada por Nigel Crisp, membro da Câmara dos Lordes e diretor executivo do National Health Service do Reino Unido entre 2000 e 2006.

As alterações de perfil demográfico da população, a prevalência das patologias crónicas, a complexidade da organização dos cuidados a prestar às populações, a responsabilidade dos cidadãos na gestão da sua saúde e o benefício das novas tecnologias são alguns dos principais temas a abordar por esta Plataforma. Constituída por uma comissão, quatro grupos de trabalho e um comité consultivo, a Plataforma deverá elaborar um primeiro estudo sobre o Serviço Nacional de Saúde (SNS) até ao verão do próximo ano.

### Os Desafios

Na sessão de apresentação da Comissão por si presidida, o coordenador da Plataforma disse que o estudo que vai ser desenvolvido sobre o SNS se destina ao futuro e não ao presente, apontando para “uma mudança inevitável”. Para Nigel Crisp, esta necessidade de mudança prende-se com as modificações ocorridas na própria sociedade portuguesa, nomeadamente com o aumento da longevidade e das doenças crónicas. Respondendo às questões de sustentabilidade do SNS, Crisp afirmou que, “mesmo que tivéssemos todo o dinheiro do mundo, o Serviço Nacional de Saúde

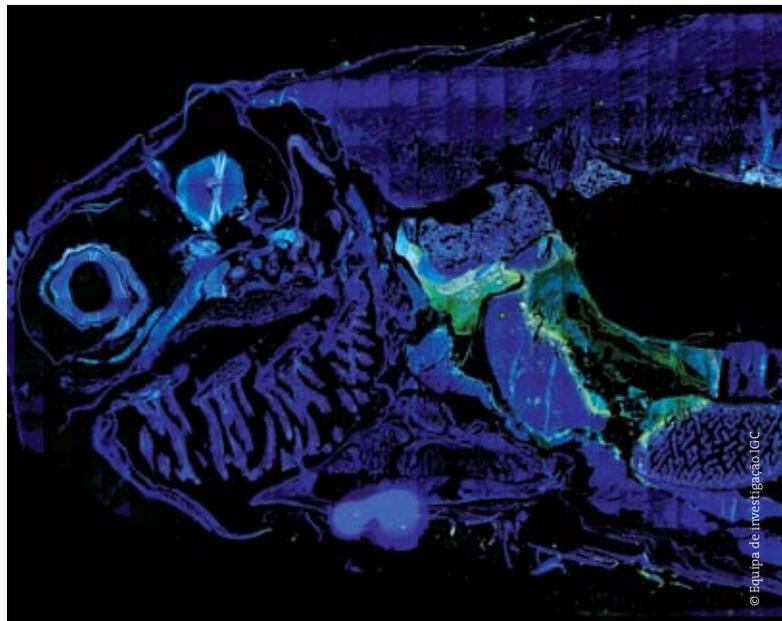
teria de mudar”. Esta Comissão, que integra peritos portugueses e estrangeiros, é marcadamente independente e procurará uma solução para a situação portuguesa, que, no entender dos seus membros, poderá ser um exemplo para outros países.

Na mesma cerimónia, no dia 5 de fevereiro, o presidente da Fundação Gulbenkian considerou a iniciativa uma “necessidade e uma exigência de pensar o futuro”, tendo em conta que a Fundação não pretende “entrar na discussão do imediato”. Para Artur Santos Silva, a Fundação Gulbenkian deve “ajudar a pensar, antecipando problemas”, porque no essencial são “as pessoas que interessam”. Referindo que a Fundação Gulbenkian “não está sozinha a pensar a saúde global”, outro dos membros da Comissão, Donald Berwick, referiu que o que vai ser feito pode ter reflexos no mundo. Professor em Harvard e antigo conselheiro de Barack Obama, Berwick lembrou que este trabalho terá de conquistar “o público, com novas ideias e novos métodos”. Na mesma sessão, o ministro da Saúde, Paulo Macedo, falou dos desafios com que se depara o SNS: a inovação tecnológica, o aumento da longevidade da população e a prevalência das doenças crónicas. Paulo Macedo lembrou a “situação de pré-rutura financeira em muitas instituições, cuja repetição poderia conduzir ao fim do Serviço Nacional de Saúde”, e insistiu na necessidade de “mudar o acessório para manter o essencial”. Paulo Macedo admitiu que algumas das propostas desta Comissão possam ser aceites pelo executivo. ■

# Estudar o envelhecimento através dos peixes

**N**os últimos anos, vários cientistas têm-se debruçado sobre os aspetos biológicos responsáveis pelo envelhecimento em humanos e procurado bons “organismos modelo” que permitam estudá-los. Uma equipa de investigação liderada por Miguel Godinho Ferreira, investigador principal no Instituto Gulbenkian de Ciência, identificou um novo modelo biológico que permite estudar o envelhecimento: o peixe-zebra.

O artigo, publicado na revista *PLOS Genetics*, mostra pela primeira vez que a enzima responsável pelo alongamento das extremidades dos cromossomas é necessária para uma esperança de vida normal do peixe-zebra. O encurtamento das extremidades protetoras dos cromossomas, designadas de “telómeros”, já tinha sido apontado como causa para o envelhecimento. Diferentes síndromes de envelhecimento prematuro em humanos, conhecidos por “progerias”, têm em comum a existência de telómeros curtos. De igual modo, já se tinha estabelecido um papel para a enzima telomerase, responsável pelo alongamento dos telómeros. Mutações nesta enzima originam o envelhecimento precoce em humanos, incluindo sintomas de anemia, problemas de pele, enfisema pulmonar e propensão para o cancro. Durante as sucessivas divisões celulares que acontecem ao longo da vida, os telómeros vão-se encurtando. Ao perder o seu efeito protetor, enviam sinais para que as células parem de se dividir constituindo, desta forma, um “relógio” molecular que indica a idade das nossas células. Por esta razão, os órgãos das pessoas mais velhas acumulam danos e têm mais dificuldade em se regenerar. Esta degeneração



está na base das doenças da velhice, tais como as doenças cardiovasculares e o cancro.

Miguel Godinho Ferreira acredita que o peixe-zebra “será muito útil para percebermos o papel dos telómeros no envelhecimento e nas doenças relacionadas com o envelhecimento, em particular, o cancro”. O peixe-zebra tem telómeros com tamanho semelhante ao dos humanos, o que permite estudar o impacto do encurtamento dos telómeros ao longo da vida deste organismo. ■

## Malária durante a gravidez

**N**um estudo publicado na revista científica *PLOS Pathogens*, uma equipa de investigação liderada por Carlos Penha Gonçalves, investigador principal no IGC, observou pela primeira vez a circulação sanguínea na placenta de rato e mostrou como esta pode influenciar o comportamento do parasita da malária e a infeção durante a gravidez. Os resultados revelam que a circulação sanguínea na placenta é heterogénea: existem áreas em que o sangue flui velozmente enquanto noutras regiões a velocidade do fluxo é consideravelmente reduzida, aproximando-se da ausência de fluxo. Os investigadores observaram uma maior acumulação de parasitas (que infetam os gló-

bulos vermelhos) nas regiões da placenta que apresentam baixo fluxo sanguíneo, sendo estas áreas mais propensas a uma resposta inflamatória.

Carlos Penha Gonçalves diz: “Este é o primeiro estudo que mostra, ao vivo, como a circulação sanguínea na placenta influencia a infeção local causada pelo parasita da malária. Seria interessante explorar se um processo semelhante acontece na placenta de humanos, tendo em consideração que a microcirculação na placenta humana é bastante diferente.” A malária durante a gravidez provoca vários efeitos adversos entre eles, abortos, nascidos-mortos, prematuridade, atraso no crescimento uterino e baixo peso ao nascer. ■



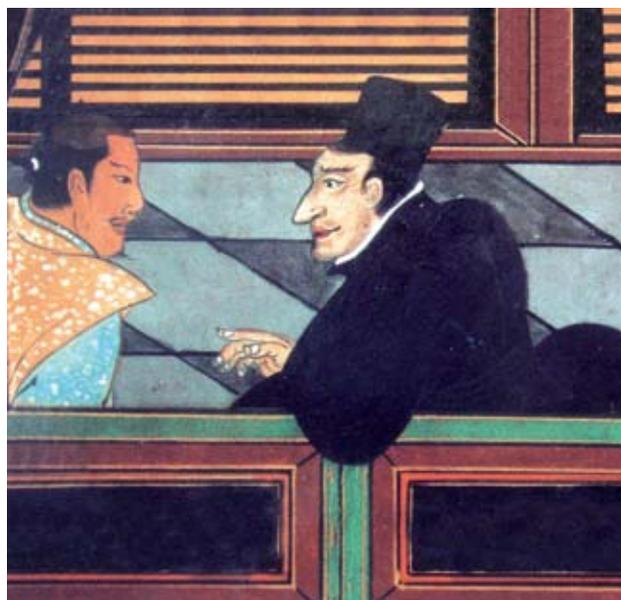
Kanō Naizen (1570-1616), Japão. C.1600. © Coleção privada

## **Portugal, Jesuítas e o Japão** uma exposição em Boston

**A** té 2 de junho, o McMullen Museum of Art de Boston apresenta a exposição *Portugal, Jesuits and Japan – Spiritual Beliefs and Earthly Goods*, centrada em 70 objetos de arte Nanban que mostram os costumes e as crenças religiosas deste período, realçando a riqueza histórica e o papel ativo de Portugal no contexto global que impulsionou os primeiros anos da era Moderna.

A Fundação Gulbenkian apoiou a ideia e a organização desta exposição, que destaca a contribuição portuguesa na produção artística japonesa dos séculos XVI e XVII. Os portugueses foram os primeiros ocidentais a chegar ao Japão, em 1543, sendo expulsos um século depois, em 1639. Trata-se de um importante período da história do Japão, quando os contactos com os povos europeus levaram à introdução de novas tecnologias e conduziram a alterações culturais patentes nos objetos artísticos transacionados numa rede internacional de comércio, levada a cabo nos navios portugueses, que ligava Ocidente e Oriente.

Os objetos expostos pertencem a coleções públicas e privadas da Grã-Bretanha, Brasil e Estados Unidos, mas grande parte da exposição é assegurada por Portugal, através de obras da Biblioteca Nacional, Museu Nacional Soares dos Reis, Museu de São Roque e Diocese de Coimbra. Comissariada por Victoria Weston e Alexandra Curvelo, em colaboração com Pedro Moura de Carvalho, a mostra é o



culminar de vários anos de trabalho e de colaboração entre instituições e investigadores norte-americanos e portugueses. Esta é a primeira grande exposição sobre a contribuição portuguesa no mundo depois da realização, em Washington, da mostra *Encompassing the Globe*, apoiada também pela Fundação Gulbenkian. ■



Jovens somalis na encenação de *De Gabay*

## ***De Gabay*** uma outra Somália

O National Theatre Wales recebeu, em 2011, uma bolsa da delegação londrina da Fundação Gulbenkian para a produção de uma peça de teatro em que profissionais de referência eram convidados a intervir em comunidades locais desfavorecidas, com o objetivo de estimular o aparecimento, através da arte, de novas formas de trabalho com essas comunidades. Assim nasceu *De Gabay* – “O poema” –, uma produção baseada em textos poéticos que será posta em cena, **no dia 3**, por jovens artistas somalis britânicos em Butetown, Cardiff.

A performance começa com visitas a casas particulares, lugar de residência do maior número de somalis fora do seu país de origem e onde os artistas e os residentes se poderão misturar, criando uma obra site specific. Depois, dois desfiles, vindos de locais diferentes e representando várias gerações, encontram-se no centro político de Butetown,

para improvisar um parlamento onde os poetas ocuparão os lugares dos políticos, ligados digitalmente a jovens e artistas no mundo inteiro. Serão também exibidos vídeos enviados por elementos das comunidades somalis nos Estados Unidos, Canadá, Holanda e Somália.

A peça dará a conhecer a música e a poesia somalis, contribuindo para uma visão diferente de um país geralmente associado a pirataria, guerra civil e violência.

Para o diretor artístico do National Theatre Wales, John McGrath, “esta é uma oportunidade fantástica para todos, especialmente para os jovens somalis que esperam mudar a visão que existe sobre as suas origens, através do poder das palavras e das imagens.” Diz ainda McGrath que estão “muito contentes por embarcar nesta viagem conjunta”. ■

[www.nationaltheatrewales.org](http://www.nationaltheatrewales.org)

# Clarice Lispector

## A hora da Estrela

**N**o ano em que passam 35 anos sobre a morte de Clarice Lispector, a Fundação Gulbenkian apresenta a exposição *A hora da Estrela*, integrada nas comemorações do Ano do Brasil em Portugal. Divulgar a obra de uma das mais destacadas vozes da literatura brasileira é um dos objetivos desta exposição, que ocupará a Sala de Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian entre **5 de abril e 23 de junho**.

Com curadoria de Júlia Peregrino e Ferreira Gullar, a mostra já foi apresentada no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, mas também no Rio de Janeiro, em Brasília e em Bogotá. Mais de 700 mil pessoas viram esta exposição que mostra textos, *fac-símiles*, fotografias, documentos pessoais, mas também recria ambientes e cenários que inspiravam a escritora.

Nascida na Ucrânia, em 1920, Clarice Lispector chegou ao Brasil com menos de dois anos. Antes de se mudar para o



Aspetto da exposição

Rio de Janeiro, em 1937, viveu em Alagoas e em Pernambuco. Passou muitos anos fora, acompanhando o marido diplomata, mas nunca se desligou do Brasil, onde morreu em 1977. *Perto do coração selvagem* foi o primeiro dos seus 26 livros, hoje publicados em mais de 20 línguas. Em Portugal, a maior parte da sua obra está editada pela Relógio d'Água. ■

## My Social Project – Rede social online dedicada ao voluntariado

**M**ais de 2500 voluntários prontos a meter mãos à obra, duas centenas de organizações sociais a precisar de ajuda extra e uma mão-cheia de empresas que pretendem investir em projetos de responsabilidade social têm em comum a inscrição na plataforma *online* MySocialProject, que faz o cruzamento de interesses entre as três partes. A funcionar desde 2012, é agora apoiada pelo Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano e pretende promover o voluntariado e facilitar o encontro entre causas, pessoas e capital.

Construída por um grupo de 20 voluntários entre os 20 e os 28 anos, esta rede social *online* nasceu para fazer face às dificuldades sentidas por estes jovens ao longo da sua experiência como voluntários. “Percebemos que muita gente está disposta a ajudar, mas tem dificuldade em encontrar uma instituição com que se identifique e que muitas instituições têm carências de donativos e de voluntários, mas não sabem como ter acesso ao que precisam”, conta Pedro Bártolo, diretor do projeto. “Através de uma lista de projetos de instituições registadas na rede que é enviada mensalmente a todos os membros, os voluntários

têm uma maneira mais fácil de encontrar projetos com que se identifiquem e contactar as próprias instituições”, explica. Atualmente, cerca de duzentos dos voluntários inscritos já foram mobilizados para dar apoio a organizações, por vezes em áreas relacionadas com a sua formação. É o caso, por exemplo, de uma voluntária de 30 anos que uma vez por semana colabora na contabilidade de uma ONGD, ou de um grupo de voluntários que está a dar formação em técnicas de vendas aos vendedores da revista CAIS, qualificando-os para potenciarem os seus rendimentos. O projeto tem sido muito bem aceite, sobretudo junto das pessoas mais novas. “São muito sensíveis ao voluntariado”, diz Pedro Bártolo.

Além desta convergência de interesses de voluntários e causas, também as empresas inscritas têm tido um papel de destaque: “Houve uma empresa de retalho que doou vários equipamentos a uma instituição de voluntariado e outra que mobilou uma biblioteca”, conta o dirigente da Associação MySocialProject.

Para participar, deve efetuar o registo em:

[www.mysocialproject.org](http://www.mysocialproject.org). ■



## Ocupações temporárias em Cabo Verde

**S**ete artistas de Cabo Verde, Angola e Moçambique vão ocupar os espaços públicos da cidade cabo-verdiana do Mindelo, de 7 a 21 de março. O projeto, que tem por título “Ocupações temporárias”, desafia os artistas a refletir sobre os estrangeiros – quem são, quais as fronteiras tangíveis e imateriais que delimitam a pertença, como nos distinguimos do outro. Vídeo, instalação, pintura, cerâmica, em locais como o cais de embarque, um quarto de hotel ou a praça comercial, serão as “ocupações temporárias” do Mindelo.

Esta iniciativa de cultura artística contemporânea, com uma forte intervenção no espaço público, iniciou-se em 2010 em Maputo. O projeto conta com o apoio da Fundação, através dos Programas Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento e Próximo Futuro. ■

## Apoio ao ensino superior em Moçambique

**A** pensar no reforço das instituições de ensino superior de Moçambique, o Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento apoia, desde 2007, a formação avançada na Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Desde o final do ano passado, a Universidade conta com cinco novos doutorados em multimédia e educação, que contribuirão para o reforço do ensino à distância, um dos objetivos previstos para a requalificação dos recursos humanos da UEM.

O ensino e a aprendizagem da língua portuguesa é outra das áreas em foco, com a realização do mestrado em ensino de português, como língua segunda, em regime de *b-learning*. A formação chega também ao turismo, área em que decorre o Curso de Formação Avançada e Mestrado em Turismo, em Inhambane. ■

## “Ciência no Ecrã” em foco na Assembleia da República

**O** estudo realizado pelo Instituto Gulbenkian de Ciência e pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social foi apresentado na Comissão de Educação, Ciência e Cultura, na Assembleia da República, no dia 12 de Fevereiro. O modo como os *media* contribuem para a promoção do trabalho científico realizado em Portugal ou por cientistas portugueses, o papel do serviço público e a forma como os resultados deste estudo poderão contribuir para novas práticas de comunicação de ciência foram alguns dos pontos discutidos com os deputados. O estudo “Ciência no Ecrã” analisou as notícias de ciência transmitidas nos blocos informativos em horário nobre dos quatro canais de sinal aberto, durante 2011 e o primeiro semestre de 2012. ■

## Museus e público sénior em Portugal

**N**o dia 18, no Auditório 3 da Fundação, serão apresentadas as conclusões do estudo sobre os comportamentos dos públicos séniores relativamente aos museus portugueses. Este estudo do Grupo para a Acessibilidade nos Museus (GAM), com a colaboração do ICOM Portugal (International Council of Museums) e o apoio da Fundação Gulbenkian, vai referir exemplos de boas práticas identificadas em Portugal e no estrangeiro.

Além dos convidados portugueses, haverá lugar para duas intervenções de fora do país. Da Irlanda, Dominic Campbell, diretor artístico do Festival Bealtaine, trará o seu testemunho sobre o festival que é considerado como “a celebração da criatividade à medida que se envelhece” e que tem a colaboração de diversos setores da sociedade. Orna Cohen (Alemanha), falará de *Dialogue with Time*, uma exposição sobre a arte de envelhecer que procura estimular o diálogo intergeracional e apresentar a idade como um ativo. ■



Adolfo Cueto Rodriguez | 30 anos | Bolsas de Investigação para estrangeiros

© Danièle Frison

## De Espanha, um olhar sobre o Marcelismo

### COMO FOI O SEU PERCURSO ACADÉMICO?

Nasci numa terrinha perdida das Astúrias, no Norte de Espanha, e a maior parte do meu percurso formativo ocorreu na própria região, sempre em instituições públicas. Foi no secundário que comecei a sentir interesse pela História, embora a princípio tenha querido ser médico. Quando chegou a hora de decidir, optei pelas “letras”, e licenci-me na Universidade de Oviedo em 2005. Depois, visto que a minha área de interesse era História das Relações Internacionais, fui viver para Madrid. Inscrevi-me na Universidade Complutense e ali atingi o grau de mestre com um trabalho intitulado *La política colonial portuguesa ante el reto de la descolonización*. Depois iniciei o doutoramento, desta vez na Universidad Nacional de Educación a Distancia. Se tudo correr como planeado, a tese, “A Política Colonial do Marcelismo (1968-1974)”, será entregue ainda este ano. Não queria deixar passar a oportunidade de salientar que para o desenvolvimento da minha investigação

em Portugal tive a sorte de contar com o acolhimento do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, instituições para com as quais fico com uma dívida de gratidão.

### EM QUE CONSISTE A SUA TESE?

O que tento analisar é como foi encarado e gerido o problema das colónias durante a última fase do Estado Novo, ou seja, compreender o jogo de forças interiores e exteriores que se contrapunham a favor e contra a descolonização, ou entre as diferentes “soluções” propostas para o Ultramar, e o modo como os governos de Marcello Caetano interpretaram esses equilíbrios e como atuaram em consequência. As opções estavam muito ligadas à natureza antidemocrática do regime, e isso fez com que, no final de contas, a resolução do problema viesse do 25 de Abril. É um tema multifacetado e complexo, mas por isso muito aliciante.



Jardim do Príncipe Real © Mária Lessa

Neste momento, estou a combinar a escrita de alguns capítulos com o levantamento de mais alguns documentos que me faltam.

**COMO SURTIU O SEU INTERESSE PELA HISTÓRIA DE PORTUGAL E EM PARTICULAR PELO MARCELISMO? A SUA LIGAÇÃO AO NOSSO PAÍS ESTÁ CIRCUNSCRITA À INVESTIGAÇÃO QUE ESTÁ A DESENVOLVER?**

Cheguei ao tema da tese um pouco por acaso. De início a minha intenção era estudar as relações de Espanha com algum país da sua área de interesse especial, e que não fosse uma das grandes potências, aliás bastante conhecidas. Isso levou-me a ponderar entre os países hispano-americanos, os do Magrebe e Portugal. Elegi o vizinho ibérico e acabei até por deixar a Espanha “cair” da equação. Debrucei-me com desconhecimento sobre o Império Português e logo fiquei cativado. Tenho de confessar que quando tento ordenar os factos e reconstruir os dilemas que as circunstâncias impuseram aos protagonistas, chego a partilhar a apreensão do momento, de quem se sabe numa partida de xadrez onde cada movimento passado condiciona o futuro e onde as possibilidades de resposta afunilam para um fim já escrito. Ainda bem que, depois desses “episódios”, posso sempre descontrair com alguns amigos que cá tenho. É tudo isso e muito mais o que me liga a este país.

**ESTÁ A DESENVOLVER ALGUM TIPO DE PROJETO PARALELAMENTE À TESE? QUANDO TERMINAR, QUAIS SÃO OS SEUS PROJETOS?**

A verdade é que ando sempre envolvido em algum outro trabalho, geralmente de natureza académica e relacionado com a História. No entanto, ultimamente tenho decidido concentrar todos os meus esforços em concluir a tese. Depois, quem sabe?, gostaria de poder dedicar-me à docência universitária. Mas o que a investigação tem de aliciante é que deixa mais perguntas do que respostas, e talvez ainda possa contribuir com mais alguma coisa para a historiografia espanhola sobre Portugal.

**COMO TEM DECORRIDO A SUA ESTADIA EM LISBOA?**

Está a ser muito produtiva em termos profissionais, mas não só. É sempre bom encontrar os amigos e visitar os locais que ficaram na memória. Lisboa tem muito para oferecer, e mais do que visitar gosto de “viver” a cidade. Vêm-me à mente dois espaços que aprecio especialmente: um é o Jardim do Príncipe Real, em cuja esplanada às vezes tomo o pequeno-almoço; o outro é o Largo do Chafariz de Dentro, onde, nalguns sábados à tarde, me encontro com amigos para falarmos do divino e do humano, ou simplesmente para deixarmos o tempo passar. Os dois espaços têm em comum a luz: segundo a hora do dia, a luz faz muito para que Lisboa seja especial. ■



## Programa Cidadania Ativa

Por Luís Madureira Pires, coordenador do programa

Na sequência do concurso lançado pelo Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (MF/EEE) para seleção da entidade gestora em Portugal dos fundos destinados às Organizações Não Governamentais (ONG), a proposta vencedora da Fundação Calouste Gulbenkian deu origem ao **Programa Cidadania Ativa**, cujo objetivo primordial é o fortalecimento da sociedade civil e o progresso da justiça social, dos valores democráticos e do desenvolvimento sustentável. A Fundação irá, assim, gerir um programa por contrato em que os apoios a conceder não provêm de recursos próprios, mas são antes financiados pela Noruega, pela Islândia e pelo Liechtenstein, no âmbito do EEE, num montante global de 5,8 milhões de euros.

Os candidatos a apoio do Programa terão de satisfazer um conjunto de regras muito exigente e específico, a divulgar em breve através do *site* da Fundação. O elevado nível de exigência no acesso ao financiamento decorre, por um lado, das regras impostas à gestão dos programas do MF/EEE nos 15 países europeus beneficiários e, por outro lado, do desejo próprio da Fundação de testar um modelo inovador de gestão de apoios, o qual poderá ter um impacto potencial na implementação dos seus próprios programas. O Programa Cidadania Ativa observará regras muito semelhantes às aplicadas aos apoios comunitários, com uma gestão por objetivos centrada nos resultados, permanentemente escrutinada pelos países financiadores.

Foi adotado um modelo transparente de avaliação e seleção de projetos, baseado em concursos periódicos, obedecendo a regras e critérios previamente definidos. Os projetos propostos a apoio deverão demonstrar ser efetivamente inovadores e relevantes para o reforço da eficácia da intervenção das ONG e contribuir para o cumprimento das metas quantificadas dos diversos indicadores de realização e resultado do Programa. O Programa pautar-se-á ainda pelo grande rigor no acompanhamento dos projetos e na avaliação dos resultados alcançados.

Com o Programa Cidadania Ativa, a Fundação assume o compromisso de gerir uma intervenção direcionada para a sociedade civil com um âmbito de atuação muito vasto que estende as suas tradicionais quatro áreas estatutárias de intervenção. O alargamento do acesso da sociedade civil aos processos de decisão e colaboração entre as ONG e os organismos públicos, a promoção dos valores democráticos e dos direitos humanos e o desenvolvimento e consolidação das capacidades de intervenção real das ONG na sociedade civil serão os vetores-chave da intervenção do Programa.

O Programa Cidadania Ativa representa um desafio e uma oportunidade muito especial para as ONG portuguesas, na medida em que irá ser desenvolvido num contexto de profunda crise no nosso País, por um lado, mas também de mudança de ciclo.

Prevê-se a realização de três concursos, um por ano, com o primeiro a ser lançado já no 2.º trimestre de 2013.



Exposição 360° Ciência descoberta  
*Diosanthos*, pormenor

**em março**



Gustav Mahler Jugendorchester em 2011 no Grande Auditório. © Márcia Lessa

# Gustav Mahler Jugendorchester

## Os exímios viajantes

*Uma orquestra sem fronteiras, composta por jovens músicos de toda a Europa, com vida na Páscoa e no verão, e em que o único critério de admissão é a excelência. Essa orquestra tem um nome: **Gustav Mahler Jugendorchester (Orquestra Juvenil Gustav Mahler)** e por ela têm passado virtuosos instrumentistas em início de carreira, muitos dos quais integram agora orquestras de topo ou sólidas formações de câmara ou se tornaram solistas de renome. A Gustav Mahler estará novamente em Lisboa, este mês, para uma residência na Gulbenkian Música que dará início à sua digressão da Páscoa.*

**C**riada em 1986 por Claudio Abbado, em Viena, e inicialmente formada por jovens músicos austríacos, foi a primeira orquestra a estabelecer a ponte com músicos da Europa de Leste, ajudando a quebrar o isolamento em que viviam. Só em 1992 a Orquestra se abriu a músicos de toda a Europa, contando hoje com o alto patrocínio do Conselho

da Europa. Uma das características mais curiosas desta Orquestra é o facto de se renovar sazonalmente, não estabelecendo vínculos definitivos com os músicos. Os seus membros são escolhidos entre aproximadamente 2000 candidatos (as audições realizam-se em cerca de 25 cidades europeias uma vez por ano), formando elencos sempre

distintos que mantêm, no entanto, em comum uma insuperável qualidade.

Com a Páscoa já por perto, *staff* e músicos entregam-se aos últimos preparativos para uma longa viagem que os vai levar a cidades como Lisboa, Viena, Paris, Barcelona, Zagreb, Bratislava, Aix-en-Provence, Birmingham e Interlaken. Na bagagem levam partituras de grandes obras de repertório clássico e romântico, de compositores como Bruckner, Beethoven e Mozart. Para esta residência e digressão, os músicos fazem-se acompanhar pelos maestros Herbert Blomstedt e Leo McFall, e pelos pianistas Nicholas Angelich e Leif Ove Andsnes. O repertório será preparado numa residência em Lisboa, **de 2 a 18 de março**, durante a qual, para além de um intenso programa de ensaios, a Gustav Mahler Jugendorchester realiza quatro espetáculos, três com a formação principal e outro com um conjunto de solistas.

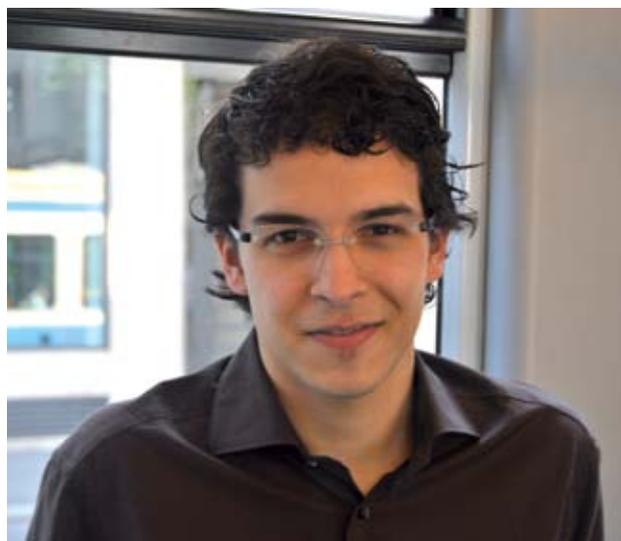
### **PORTUGUESES NA ORQUESTRA**

Tocar na Gustav Mahler Jugendorchester é o sonho de qualquer instrumentista até aos 26 anos, a idade máxima para poder concorrer a um lugar. O oboísta Tiago Coimbra foi um dos músicos selecionados para a mais recente formação, integrando o grupo dos 102 jovens que vão estar presentes no Grande Auditório neste mês para o arranque da próxima digressão.

Natural de Vila Nova de Gaia, Tiago Coimbra diz-se “honrado” por poder representar o seu país entre tantas nacionalidades e está certo que o espera uma “experiência única”. Conhece muitos músicos que passaram pela orquestra, amigos, colegas e professores, e sabe, através deles, que tocar numa orquestra com este perfil é “fazer parte de uma grande família”. A frequentar o Mestrado em Performance (variante Orquestra) na Universidade de Artes de Zurique, onde se licenciou, Tiago salienta o “sabor especial” desta digressão, também pelo facto de prever quase duas semanas de ensaios em Lisboa. Entre os momentos mais importantes da sua formação, destaca a colaboração com a orquestra da Ópera de Zurique e o estágio na Orquestra Sinfónica de Lucerna e na Orquestra Académica de Ossiach. Esta admissão poderá representar um passo fundamental na sua carreira.

### **MOMENTOS INESQUECÍVEIS**

Se Tiago Coimbra não esconde o entusiasmo pela experiência que o espera, o trombonista Gabriel Antão, bolseiro da Fundação Gulbenkian, dá-nos um testemunho vibrante de quem já viveu essa experiência. Atual membro da Orquestra Tonkünstler de Viena, foi admitido na Gustav Mahler Jugendorchester dois anos seguidos, em 2010 e 2011. “Há coisas que não se esquecem, momentos que nos acompanham toda a vida. Desde sempre ouvi os maiores



Tiago Coimbra.



Gabriel Antão.

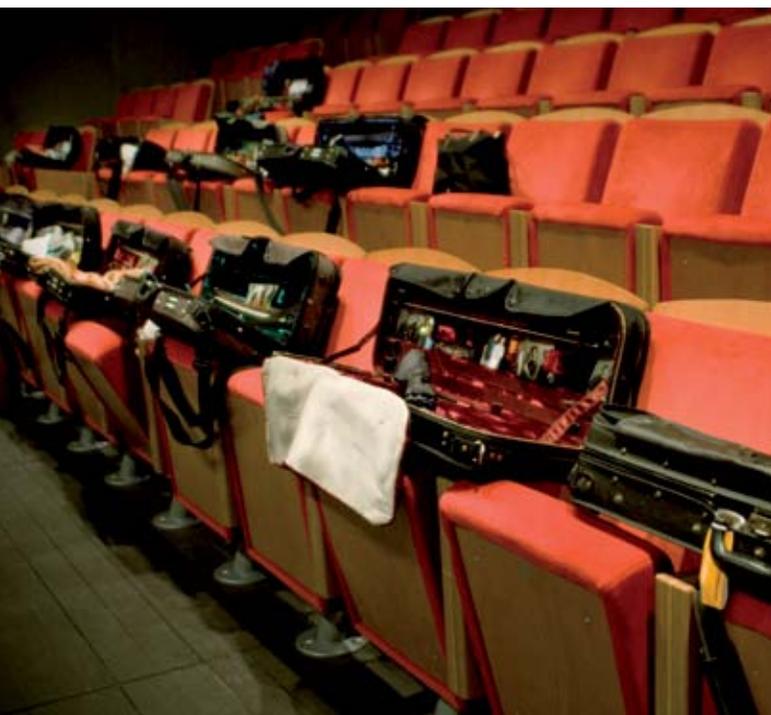
elogios ao alto nível desta formação, mas quando tive a oportunidade de fazer parte do projeto, percebi que os elogios eram insuficientes para descrever o verdadeiro potencial da orquestra.”

Quando foi admitido pela primeira vez na Orquestra, no verão de 2010, Gabriel preparou-se o melhor possível para

a ocasião e partiu com expectativas muito altas. “Imaginei que iria encontrar muitos dos grandes jovens talentos europeus e, de facto, não me enganei!” Mas não foi só o nível artístico que impressionou o músico português, o lado humano foi também evidenciado. “Os novos membros da orquestra são recebidos calorosamente pela organização e pelos colegas mais experientes, fazendo-nos imediatamente sentir em casa, apoiados e valorizados. Este bom ambiente fazia-se sentir em todo o projeto, nos ensaios, nas viagens, no tempo livre e nos tão aguardados concertos, e isto refletia-se naturalmente no nível das apresentações.” Gabriel refere com muito apreço o tempo passado com os colegas, “fantásticos músicos”, com os maestros e solistas “de exceção” e com o “maravilhoso corpo docente”, com os quais tanto aprendeu e cujos ensinamentos leva sempre consigo para cada uma das suas atuações.

### **UMA ORQUESTRA COM ENERGIA ESPECIAL**

Este constante vaivém de novos membros da orquestra não se repercute na estrutura que a rege e que torna possível esta dinâmica. No reduzido *staff* da Gustav Mahler Jugendorchester, em Viena, está um português, Francisco Sasseti, responsável pelo marketing e relações públicas da instituição. Estudou Música e Gestão das Artes na Universidade de Londres, a que se seguiu um Master em Estudos Europeus (Cultura) no Instituto Europeu da Universidade de Genebra. Mais tarde, foi assessor para a programação de música do Centro Cultural de Belém. Numa curta entrevista, fala da sua experiência, ajudando a conhecer por dentro este projeto.



Francisco Sasseti.

### **COMO SURTIU A OPORTUNIDADE DE TRABALHAR NA GUSTAV MAHLER JUGENDORCHESTER?**

Como muitas vezes acontece neste tipo de situações, começou tudo um pouco por acaso. Conheci o secretário-geral da Orquestra, Alexander Meraviglia-Crivelli, num concerto da Orquestra Gulbenkian em 2011. Mais tarde, aquando da última passagem da GMJO por Lisboa, já em 2012, voltámos a encontrar-nos e ele estava à procura de alguém para integrar a equipa. A partir daí, e depois de vários contactos e de uma ida a Viena, as coisas acabaram por acontecer com naturalidade.

### **QUAL A SUA FUNÇÃO?**

Sou responsável pelo marketing/comunicação e relações públicas. Engloba todas as áreas tradicionalmente relacionadas com a comunicação, desde contactos com a imprensa à coordenação editorial dos programas, *site* e redes sociais, passando pelas relações com patrocinadores e parceiros em geral, incluindo as instituições que nos recebem. O facto de termos estabelecido parcerias sólidas com a Gulbenkian Música, o Festival de Salzburgo, o Festival de Bolzano, o BBC Proms ou a Staatskapelle Dresden, entre outras, faz com que se possa efetuar um planeamento refletido a médio prazo. No meu caso específico, o interesse passa também por conhecer um “outro lado” do meio musical, ou seja o trabalho de uma orquestra em digressão, que visita vários auditórios, em oposição ao trabalho de uma instituição que convida e apresenta agrupamentos vários – como aconteceu no CCB.

### **QUAIS AS MAIORES VANTAGENS DE UM MODELO DE ORQUESTRA COMO ESTE?**

A Gustav Mahler Jugendorchester tem, de facto, várias particularidades que a diferenciam da esmagadora maioria das orquestras, o que faz também com que seja, geralmente,



Concerto da Gustav Mahler Jugendorchester no Grande Auditório. © Rodrigo de Souza

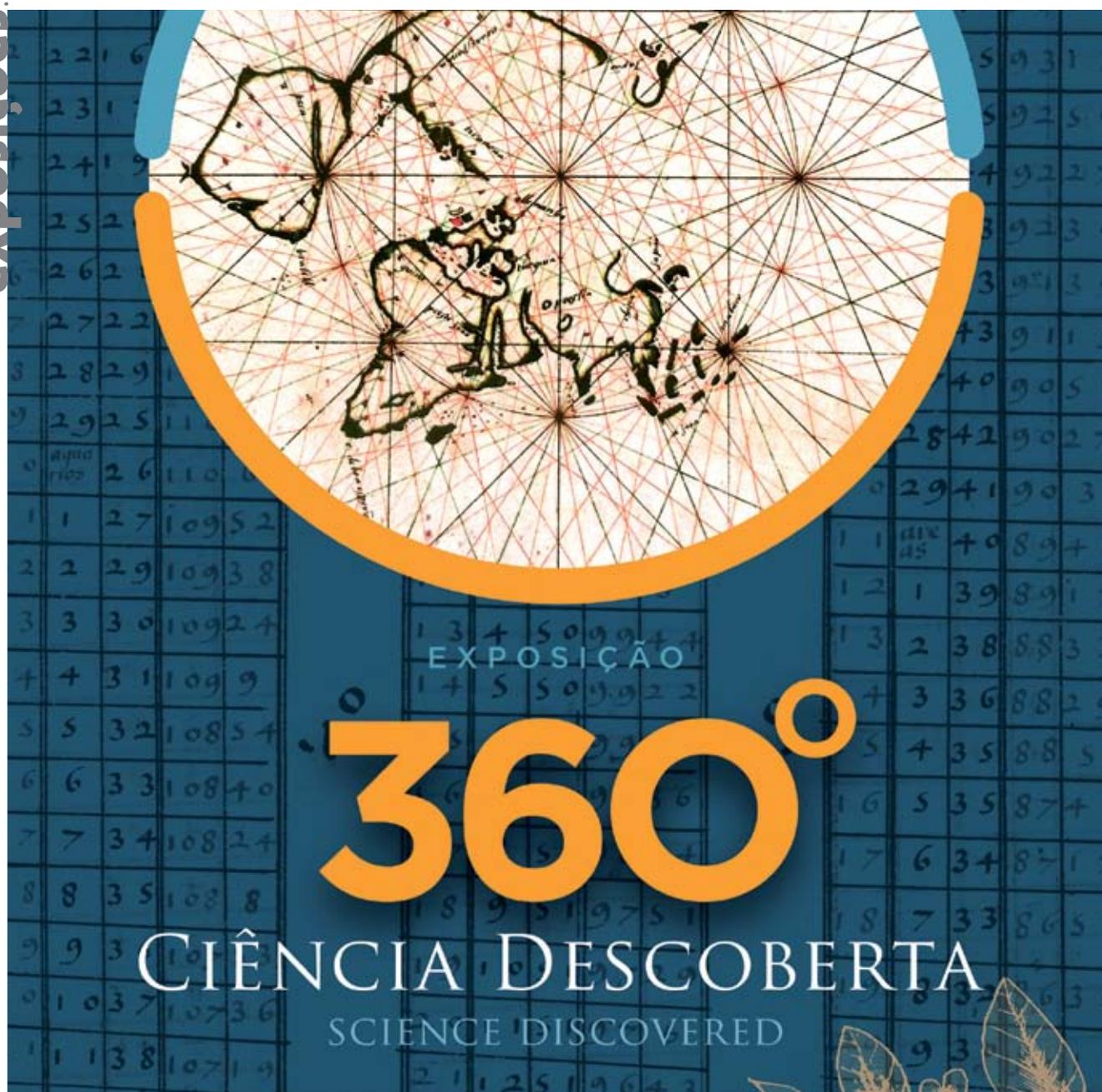
muito bem recebida. Somos, obviamente, uma orquestra de jovens músicos provenientes de toda a Europa – vista aqui numa perspectiva geográfica alargada, ou seja incluindo países como a Rússia, Israel ou a Turquia – e que centra praticamente toda a sua atividade em duas digressões internacionais, uma na altura da Páscoa e outra no verão. Mas isto, e o facto de sermos uma orquestra de jovens, não é, por si só, necessariamente interessante ou meritório. Acima de tudo, o nosso objetivo principal é alcançarmos o nível artístico mais elevado possível e comparável a muitas orquestras profissionais de topo, proporcionando, simultaneamente, aos nossos músicos uma experiência única e enriquecedora que, em conjunto com os estudos de cada um deles, lhes possa também servir de ponto de partida para uma carreira de sucesso como músicos.

#### **COMO É GARANTIDO ESSE NÍVEL ARTÍSTICO?**

Trabalhamos sempre com alguns dos maestros e solistas mais conceituados do mundo e o único critério de seleção dos músicos que integram a orquestra é a qualidade que demonstram nas audições que, todos os anos, realizamos em mais de vinte cidades europeias.

O facto de serem músicos jovens e de se reunirem para um projeto específico faz com que haja, naturalmente, um entusiasmo e uma energia especial no grupo, o que é, sem dúvida, um trunfo e um excelente ponto de partida para o trabalho que é efetuado durante as residências que antecedem as digressões. No entanto, embora sejam jovens e estejam ainda a completar as respetivas formações, não são tratados como estudantes quando participam nos nossos projetos. É-lhes exigido exatamente o mesmo que seria a um músico profissional – quer pela organização, quer pelos maestros, solistas e tutores. Ou seja, o modelo da orquestra não é, por si só, uma vantagem, mas tentamos que sirva de catalisador para alcançarmos um nível artístico muito elevado. O facto de largas dezenas de antigos membros da orquestra integrarem, hoje em dia, muitas das melhores orquestras do mundo, incluindo a Orquestra Gulbenkian, prova que este é um modelo de sucesso. ■

[www.musica.gulbenkian.pt](http://www.musica.gulbenkian.pt).



## Do mediterrâneo ao mundo todo

**A**bre já este mês ao público *360° Ciência Descoberta*, a mostra que vai ocupar a Sala de Exposições Temporárias da Sede e que pretende olhar para grandes viagens oceânicas dos séculos XV e XVI à luz da história da ciência. Comissariada por Henrique Leitão, investigador da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, desenvolve-se em seis núcleos para documentar o encontro de portugueses e espanhóis com um mundo desconhecido, descrevendo os progressos técnicos, as novas práticas e as

novas ideias que daí resultaram. Testemunha o confronto que se deu com o saber antigo e como as novidades observadas redefiniram o modo de estudar a Natureza, mostrando como a descoberta deste novo mundo esteve na origem de uma nova ciência.

O núcleo inicial – **O saber pela palavra** – remete para uma Europa medieval onde o mundo parecia estável e conhecido e onde a autoridade dos clássicos, sancionada por séculos de confirmação, alimentava uma ambição enciclopédica.



*Suma de árvores e plantas da Índia Intra Ganges* de Manuel Godinho de Erédia, 1612. © Archief Abdij, Tongerlo

O núcleo seguinte – **O espanto da novidade** – dá conta de como portugueses e espanhóis mudaram a forma de olhar o mundo através do contacto com uma natureza exuberante nunca antes vista. A experiência direta, e não a leitura dos livros, tornou-se o modo de conhecer o mundo natural. O terceiro núcleo – **Do Mediterrâneo ao mundo todo** – revela a gigantesca mudança de escala ocorrida, com a passagem das rotas mediterrânicas às imensas viagens oceânicas.

Em algumas décadas, percorrendo os mares da terra, portugueses e espanhóis revelaram e cartografaram as costas de



Carta náutica de Pedro Reinel, 1504. © Munique, Bayerische Staatsbibliothek



*Avis coelestis, Atlas de historia natural /El códice de Jaume Honorat Pomar* (c. 1550-1606): plantas y animales del viejo mundo y de América. © Biblioteca Universitat de Valencia

todo o planeta. Estudaram ventos, correntes, o magnetismo terrestre, fenómenos atmosféricos – e a Terra foi finalmente conhecida a 360°.

O módulo que se segue – **Cada estrela é um número** – chama a atenção para um novo e inesperado passageiro a bordo nestas viagens: a Matemática. Para atravessar os mares, foi necessário conceber novos métodos astronómicos e aperfeiçoar instrumentos que foram postos nas mãos de rudes homens do mar: astrolábios, quadrantes, balestilhas, tabelas e cálculos. Navegar implicava medir os céus e tomar as estrelas como referência.



Astrolábio, séc. XVI. © Coleção do Museu da Ciência, Universidade de Coimbra



Diosanthos species, *Atlas de historia natural /El códice de Jaume Honorat Pomar* (c. 1550-1606): plantas y animales del viejo mundo y de América. © Biblioteca Uniersitat de Valencia

Noutro momento da exposição – **Planear: a gestão do saber** –, fala-se da necessidade que houve de acumular, classificar e gerir as imensas massas de novidades que chegavam à Península Ibérica e dos programas de recolha de informação e instituições para a gerir. Em Espanha a Casa de la Contratación, e em Portugal os Armazéns da Índia tornaram-se focos de organização administrativa e de gestão do novo saber.



Arbol de Índias, *Atlas de historia natural /El códice de Jaume Honorat Pomar* (c. 1550-1606): plantas y animales del viejo mundo y de América. © Biblioteca Uniersitat de Valencia

Por fim, **Do Mundo Novo, uma Ciência Nova**: mostra-se a mudança de mentalidade no século XVI, em que a experiência da novidade se tornou habitual e em que novos atores, novos processos e novas instituições passaram da Península Ibérica a toda a Europa. E como do encontro com um Novo Mundo emergiu uma Ciência Nova.

A mostra pode ser vista de **2 de março e até 2 de junho**. ■



Coleção de Borboletas. © Lisboa, Jardim Botânico Tropical-IICT, Coleção biológica

### 360º CIÊNCIA DESCOBERTA

#### CONFERÊNCIAS E VISITAS

Em torno da exposição realizam-se mais duas conferências. No **dia 13**, Annemarie Jordan, investigadora do Centro de História de Além-Mar, fala sobre *Os paquidermes do rei D. Manuel I. Elefantes e outra exótica na menagerie da corte portuguesa*.

No **dia 15**, Maria Puortuondo, professora na Johns Hopkins University, EUA, disserta sobre o tema *Segredos e longitudes*.

As visitas guiadas à exposição realizam-se todas as quintas-feiras e sábados às 16h30. Estão ainda programadas duas visitas com o comissário, nos **dias 2 e 16**, às 15h.

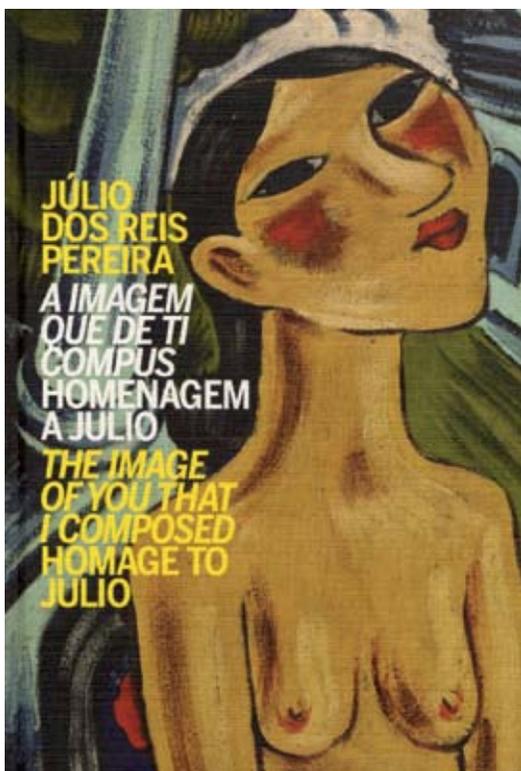


## Animação e artes plásticas

A 12.<sup>a</sup> edição do festival de cinema animado **Monstra** volta a passar pela Fundação Gulbenkian, entre outros palcos lisboetas. Mais de 500 filmes provenientes de 48 países, exposições, *masterclasses* e *workshops* são os argumentos com que o festival pretende atrair espetadores, tendo sido mais de 38 mil aqueles que em 2012 quiseram usufruir do programa da Monstra. Pela primeira vez, há dois países convidados para o certame – Espanha e Brasil. O Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência volta a associar-se a este festival, incidindo o programa das suas atividades na relação entre a animação e as artes plásticas e inspirando-se na ideia de descoberta e reinterpretação de obras de arte através da animação, seja na sua realização profissional enquanto expressão artística, seja como ferramenta pedagógica. Assim, estão previstos para o **dia 15** os programas sobre Pintura e a Animação e sobre Estéticas Plásticas e Animação, que contemplam a exibição de animações que atestam a influência que a pintura sempre teve neste género cinema-

tográfico. No **dia 16**, Memórias Animadas mostrará ficções animadas inspiradas em obras de arte selecionadas do património da Fundação Gulbenkian. Ao longo destes dois dias, e paralelamente aos referidos programas, decorrerá o primeiro Encontro Internacional de Oficinas e Formadores de Animação, destinado a formadores, animadores e professores que tenham por hábito fazer do cinema de animação ferramenta pedagógica e artística ou que pretendam fazê-lo.

Entre os dias **7 e 17 de março**, serão exibidos nas 11 salas da Monstra centenas de *super shorts*, filmes de estudantes, curtas e longas-metragens, estando prevista a entrega de 15 prémios. Para além da programação elaborada especificamente para a Fundação Gulbenkian, a Monstrinha, espaço dedicado aos mais novos, demonstra que este festival está pensado para todas as idades, estando igualmente atento à produção nacional, como atesta uma programação na qual os filmes animados portugueses são uma presença constante e destacada. ■



## ***A Imagem que de ti compus***

**P**or ocasião da exposição *A Imagem que de ti compus – Homenagem a Julio*, realizada pela Fundação Calouste Gulbenkian em parceria com a Fundação Cupertino de Miranda, depositárias de um importante número de obras do artista homenageado, Júlio dos Reis Pereira, foi editado o catálogo com o mesmo nome. Com prefácio de Artur Santos Silva, presidente da Fundação Gulbenkian, e de Pedro Álvares Ribeiro, presidente da Fundação Cupertino de Miranda, textos de António Gonçalves e Patrícia Rosas, curadores da exposição, e do escritor Valter Hugo Mãe, este catálogo mostra parte da obra de Julio, com especial incidência no trabalho surrealista e expressionista deste artista multifacetado que, sob o pseudónimo Saúl Dias, enveredou também pela poesia.

Incluindo uma biografia do pintor, esta edição bilingue (em português e em inglês) compreende um rico leque de pinturas a óleo e de desenhos que traçam o seu percurso e a evolução da sua obra ao longo das décadas de 1920, 30, 40 e 50. São mais de 90 as criações expostas nas páginas deste catálogo, entre muitas representações do corpo feminino, transversais a toda a obra do pintor, e cenas aparentemente quotidianas de músicos, saltimbancos e comediantes, ou exercícios de surrealismo impossíveis de descrever.

Marcante figura do movimento surrealista no nosso país, Julio teve em 1935 a sua primeira grande exposição na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa, não tendo obtido o favor da crítica de então. A exposição, que estará no Centro de Arte Moderna até ao dia 7 de Abril, significa a segunda passagem da obra de Julio pela Fundação Gulbenkian, depois de uma retrospectiva realizada em 1980. Trinta e três anos depois, os óleos coloridos e as gravuras estilizadas em tinta da China deste grande nome da pintura portuguesa do século XX podem ser novamente apreciados, seja na exposição seja no catálogo que a acompanha. ■

### **OUTRAS EDIÇÕES:**

**Estudos de Psicologia Intercultural: nós e os outros**

Félix Neto

**A mente enquanto escreve**

**A automatização da execução motora na composição escrita**

Rui Alexandre Alves

**O aprender a aprender no pré-escolar**

**O modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna**

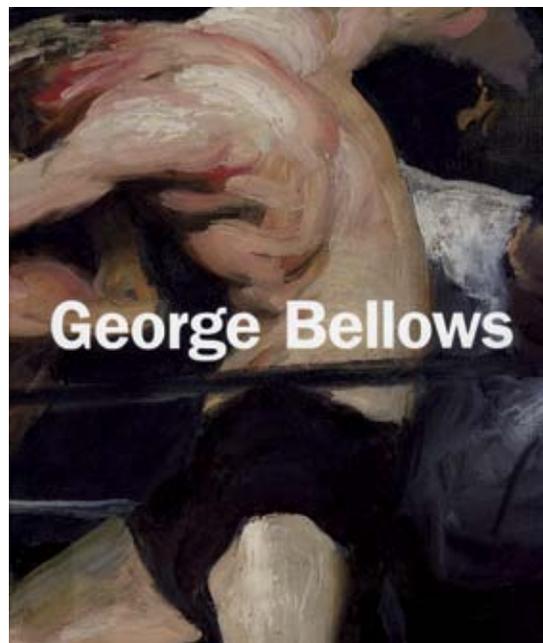
Maria da Assunção Folque

# Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

**N**o dia 16 de março, a Royal Academy of Arts (Londres) inaugura uma exposição que mostra pela primeira vez em solo europeu uma retrospectiva dedicada a George Bellows (1882-1925), um dos grandes pintores americanos da primeira metade do século XX. Foi organizada pela National Gallery of Art (Washington) – onde se estreou –, em associação com o Metropolitan Museum of Art (Met, Nova Iorque) – onde esteve antes de vir para este lado do Atlântico – e com uma instituição inglesa, e nela se mostram 130 obras de Bellows, entre telas, desenhos e litografias.

Falecido precocemente, com apenas 42 anos, George Bellows conheceu ainda em vida um assinalável sucesso no contexto artístico americano: em 1911, entrou para a coleção do Met e, em 1913, foi o mais novo membro admitido na National Academy of Design, tendo nesse ano exposto no Armory Show. Nascido em Columbus (Ohio), Bellows mudou-se, em 1904, para Nova Iorque onde iniciou os seus estudos artísticos como aluno do pintor Robert Henri que o convenceu a optar pela pintura, exortando-o a pintar a vida da grande metrópole, os seus habitantes e as mutações urbanas em curso. Foi o que Bellows fez de forma magnífica, fixando na tela, por exemplo, os trabalhos da construção da Pennsylvania Station (1909), as brincadeiras das crianças dos bairros pobres ou os combates de boxe.

Para acompanhar a exposição foi concebido um livro onde, em 12 ensaios profusamente ilustrados, da autoria de historiadores e historiadores de arte, se contextualiza, se define, se relaciona e se analisa a obra de Bellows comparativamente com outros pintores que o influenciaram, como Manet, Goya e Picasso, e com o seu amigo e contemporâneo Edward Hopper. O catálogo possui ainda uma bibliografia selecionada, uma cronologia e um artigo sobre os livros pessoais do pintor. ■



**A** obra da artista Gillian Wearing (n. 1963), vencedora do britânico Turner Prize em 1997, poderá ser vista, até ao próximo dia 9 de junho, na Pinakothek der Modern da cidade alemã de Munique. Esta exposição é a primeira grande retrospectiva dedicada a esta artista e foi organizada pela Whitechapel Gallery (Londres), onde inicialmente foi inaugurada, em colaboração com o Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen de Düsseldorf, que a mostrou entre 8 de setembro de 2012 e 6 de janeiro deste ano. Trabalhando sobretudo nos suportes do vídeo, do filme e da fotografia, Wearing tem explorado ao longo da sua atividade artística aspetos que abordam as diferenças e as fronteiras emocionais do que cada um revela de si aos outros, as máscaras que podemos assumir numa esfera pública e os desejos e sentimentos mais íntimos, apenas revelados em privado. A exposição é complementada com um livro/catálogo que contém textos (em alemão) do curador Daniel F. Herrmann, de Doris Krystof, de Bernhart Schwenk e de David Deamer, além da reprodução dos trabalhos que Gillian Wearing criou entre 1992 e 2012 (com a transcrição, em inglês, dos diálogos dos filmes e vídeos), de uma biografia e de uma bibliografia. ■



# Centro de Arte Moderna

## *Information*

**N**a sua canção “The times they are a-changin’”, Bob Dylan anunciava, em 1964, que os tempos estavam a mudar. E mudaram, de facto. Ao longo dos anos seguintes, os ventos de mudança sopraram fortes um pouco por todo o planeta, provocando um clima de subversão e revolta que mobilizou intelectuais, artistas, estudantes e trabalhadores, unidos na contestação política e social e colocando em causa os valores e as prioridades da sociedade capitalista ocidental. Foi nesta conturbada conjuntura – acrescida, no contexto norte-americano, da revolta contra a guerra do Vietname e da luta pela igualdade dos direitos civis – que, em 2 de julho de 1970, foi inaugurada no Museum of Modern Art (MoMA) de Nova Iorque a exposição *Information*.

Concebida como “um relatório internacional” para dar conta “da atividade recente de jovens artistas”, esta foi uma das primeiras exposições realizadas em museus americanos com um carácter realmente internacional, já que, entre os cerca de 150 “homens e mulheres de 15 países”, se contavam, por exemplo, os brasileiros Cildo Meireles e Hélio Oiticica, os alemães Bernhard e Hilda Becher e Joseph Beuys, o coletivo jugoslavo OHO e o coletivo argentino Frontera, o francês Daniel Buren e a japonesa Yoko Ono. Por outro lado, *Information* foi a primeira grande exposição que colocou o público americano em confronto com a arte conceptual que vinha apenas sendo mostrada no circuito mais restrito das galerias. Mas não foram somente estes os aspetos que a tornam uma exposição relevante no panorama artístico da segunda metade do século XX. Também a estratégia adotada pelo seu curador Kynaston McShine (n. 1935) – McShine é um dos curadores mais importantes da sua geração e era então um dos raríssimos negros a desempenhar um papel de relevo no discurso da prática artística – torna singular esta exposição, em que as obras expostas resultaram das propostas enviadas pelos artistas como resposta ao convite do curador. Concebida para misturar e cruzar suportes, materiais e técnicas, e para ser interativa, no seu *press-release*, lia-se que “várias peças da exposição podem apenas ser realizadas com a ativa participação do público quer dentro quer fora do Museu...” e que nela se incluíam “fotografias das reações do público aos objetos –

utilizando-os ou observando outros a utilizá-los”. E ainda que *Information* não o tivesse assumido, o seu nome não pode deixar de invocar a ideia da arte como informação (teorizada pelo crítico e curador Jack Burnham, em 1968, na sua obra *Systems Esthetics*) e de ter subjacente o reconhecimento da ampla mutação cultural causada pelo advento da designada sociedade da informação – anunciada por M. McLuhan em obras como *Understanding media: the extension of man* (1964) e *The medium is the message: an inventory of effects* (1967) –, como, aliás, sublinhava Kynaston McShine no texto introdutório do catálogo: “Os [artistas] representados são parte de uma cultura que tem sido consideravelmente alterada pelos sistemas de comunicação como a televisão e filme, e pela crescente mobilidade.”

Para memória futura desta crucial exposição ficou o livro-catálogo essencialmente ilustrado que, tal como aquela, o curador McShine desejou que fosse “provocador, esclarecedor e informativo”. Nele intervieram 96 artistas, cada um convidado para criar a sua contribuição, sendo-lhes atribuída uma ou, nalguns casos, duas páginas; embora essa intervenção esteja diretamente relacionada com os trabalhos expostos, em alguns casos não houve essa ligação, tornando-o um “necessário adjunto à exposição”. A crítica e curadora Lucy Lippard (n. 1937), por exemplo, apenas participou no catálogo. Complementam-no uma lista de filmes, “parcial mas representativa”, que refletia “muitas das preocupações e atitudes dos artistas participantes na exposição”, e ainda uma secção “necessariamente incompleta” de “leitura recomendada”, com as referências bibliográficas de livros, revistas e artigos e catálogos de exposição que, na maior parte, eram “essenciais e importantes pistas para o pensamento dos artistas”. Pela forma como foi concebido este catálogo faz parte do tipo de publicações consideradas “livro de artista” produzidas nestes anos. ■ Ana Barata

*Information*, edited by Kynaston L. McShine, 1930

New York, Museum of Modern Art, 1970

207 p. : il. ; 28 cm

Livro de artista; obra publicada por ocasião da exposição

organizada e patente no Museum of Modern Art, Nova Iorque,

2 de Julho a 20 de Set. de 1970



John McJANNET  
 Born 1931, Redwood City, California  
 Lives in National City

SYNOPSIS: Possibly an impossible project. The idea is to exhibit a cadaver rather than a fascinate person. What is intended is a subtle play of aesthetic distance would be broken down, but by controlling the lighting, staging, etc., so that it approximates Andres Baryaga's *Dead Christ* (making it look like art, refer to what is established as art), the show would be cancelled and one might be able to look at the tableau with little or no discomfort. The subject is not the cadaver. The subject is rather the issue of breaking and making aesthetic distance.



Special room would be built with a glass porch. Ambient lighting, refrigeration unit would be concealed.



SARIS  
 Born 1945, Porto, Portugal  
 Lives in Rio de Janeiro, Brazil



Work realized in Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil, April 20, 1977

# PRÉMIO BRANQUINHO DA FONSECA

**Expresso / Gulbenkian 2013**

**Candidaturas de 9 de março a 31 de maio**

O Prémio Branquinho da Fonseca é uma iniciativa conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e do Jornal Expresso, que tem como objetivo incentivar o aparecimento de jovens escritores (entre os 15 e os 30 anos) de literatura infantil e juvenil.

É atribuído a:

- **obras de literatura para infância**
- **obras de literatura para a juventude**

